

“Aos homens de pouca fé”: a urbanização da favela Vila do Vintém (1960–1965)

Henrique Mendes dos Santos¹

Resumo

Deseja-se nesse artigo, analisar, por meio de fontes documentais, os aspectos que fundamentaram a urbanização da favela Vila do Vintém, escolhida como projeto piloto no governo Carlos Lacerda (1960–1965). Identificou-se que essa política se baseava na concepção das favelas como enclaves rurais inseridos no ambiente urbano, sendo a urbanização elemento crucial para uma suposta mudança de status em relação à cidade. Ademais, também foi possível compreender a iniciativa como uma tentativa de cooptação dos moradores por meio do controle das associações pró-melhoramentos, buscando disputar a hegemonia política com os comunistas, contando com isso, com o apoio da mídia empresarial da época.

Palavras-chave

Estado; Favela; Urbanização.

“To the men of little faith”: the urbanization of the Vila do Vintém slum (1960–1965)

Abstract

This article uses documentary sources to analyze the aspects underlying the urbanization of the Vila do Vintém favela, chosen as a pilot project during the Carlos Lacerda administration (1960–1965). It was found that this policy was based on the conception of favelas as rural enclaves within the urban environment, with urbanization being a crucial element for a supposed change in status relative to the city. Furthermore, it was also possible to understand the initiative as an attempt to co-opt residents through control of pro-improvement associations, seeking to compete for political hegemony with the communists and counting on the support of the corporate media of the time.

Keywords

State; Favela; Urbanization.

Artigo recebido em junho de 2025

Artigo aceito em agosto de 2025





Introdução

Com a manchete “Nasce uma nova favela em moça bonita”, o jornal Tribuna Popular apresenta, em 1947², o surgimento de uma favela que crescia às margens das estações de trem entre os bairros de Realengo e Moça Bonita³. A matéria apontava para uma crise das moradias no antigo Distrito Federal e alertava para as construções precárias em alguns lugares como a Vila do Vintém, ao passo que, na Zona Sul, apartamentos se encontravam-se fechados e a preços exorbitantes.

Os anos 1940 e 1950 mostram um intenso movimento de luta por moradias e pelo uso do solo na Vila do Vintém. É importante salientar que, mesmo estando situada em uma região distante de favelas que ocupam as regiões centrais do antigo Distrito Federal – como Jacarezinho e Providência – a organização política, por meio da articulação com diferentes movimentos em prol de moradias e partidos políticos de distintos espectros, conferiu à Vila do Vintém o status de importante espaço na cidade. Como resultado, era costumaz o debate sobre as ações do Estado junto a essa favela, fosse no âmbito do Legislativo, a partir de parlamentares que defendiam a causa dos favelados, fosse por meio dos periódicos da época, que noticiavam as movimentações dos moradores⁴.

Cabe ressaltar que tais estratégias estavam de acordo e articuladas com as ações de moradores de outras favelas. Entidades como a União dos Trabalhadores Favelados (UTF)⁵ contribuíram sobremaneira no sentido de fornecer sua *expertise* a favor daqueles que lutavam pelo direito à moradia, o que não significa, porém, que houvesse unanimidade de sua atuação entre os favelados. Em todo caso, a aproximação de entidades como a UTF e de atores políticos ligados ao PCB era um fato marcante.

Neste bojo, a Vila do Vintém passa a ser um dos focos das ações da chamada CPI das favelas, promulgada em 1955. É a partir dos trabalhos dessa comissão que a Vila do Vintém é desapropriada, garantindo, pelo menos de maneira temporária, alguma tranquilidade àqueles que estavam lutando por suas casas por pelo menos dez anos⁴.

Após a desapropriação, um novo desafio se constituía: a urbanização. Os anos 1960 traziam consigo uma mudança substancial nos arranjos político-administrativos do país, afinal de contas, o Rio de Janeiro perdera o status de capital federal e o Estado da Guanabara acabara de ser criado. A eleição de Carlos Lacerda para o governo estadual também é outro aspecto que não pode ser negligenciado, uma vez que suas ideias a respeito das favelas – cujo percurso foi de uma tentativa inicial de urbanização, especialmente nos dois primeiros anos de mandato, para movimentos violentos de remoção – são elementos que devem ser levados em conta.

Logo, pretende-se aqui compreender as premissas do processo de urbanização da favela Vila do Vintém entre 1960 e 1965. Verificou-se, por meio de uma análise documental⁷, que a Vila do Vintém figurava como projeto-piloto do programa inicial de urbanização de favelas no Estado da Guanabara. Entendia-se na ocasião, que a urbanização seria o elemento crucial que levaria uma localidade a superar o status de favela, deixando para trás uma espécie de comportamento dos moradores alicerçados em valores ligados a determinada ruralidade e transformando-a conseqüentemente em um bairro. Além disso, o programa de urbanização em tela visava agregar as funções das associações de moradores ao Estado, estabelecendo segundo as palavras de Pestana (2016), um controle negociado junto às favelas do antigo Estado da Guanabara.

Vale lembrar que no contexto de agudização da Guerra Fria, as favelas eram consideradas trincheiras importantes da luta política. Nesse caso, o anticomunismo de Carlos Lacerda também é um elemento que deve ser analisado, pois o processo de urbanização em localidades como a Vila do Vintém era uma forma de disputar a hegemonia política com o PCB, que, mesmo em período de ilegalidade, continuava a marcar presença junto aos favelados. Cabe ressaltar que este processo também contou com amplo apoio e divulgação da mídia empresarial, que, a depender da linha editorial adotada apoiava de maneira mais ou menos explícita as ideias de Lacerda.





Carlos Lacerda se aproxima da Vila do Vintém: os moradores de favela e o sertão carioca em disputa

(...) que os homens de pouca fé acreditavam ser um milagre o que na verdade não chega a ser um milagre, sendo apenas o resultado de uma confiança recíproca: a Vila do Vintém estava recebendo água e esgoto em toda a sua extensão. Assinala que o Estado, através da SURSAN, estava gastando 300 milhões de cruzeiros em material que 2000 moradores, que se inscreveram voluntariamente para trabalhar estavam dando com o seu trabalho o equivalente a 15 milhões de cruzeiros de mão de obra.

Com esse discurso, proferido em junho de 1962⁸, Carlos Lacerda transformaria a urbanização da Vila do Vintém em questão de fé. Utilizando de retórica impecável para anunciar o progresso da urbanização desta favela, o novo Governador apostaria, pelo menos no início do mandato, em um ambicioso plano que teria a “Vintém” como um de seus alvos principais. Contando com o apoio de parte considerável da classe política e da mídia empresarial, a aposta de Lacerda parecia mesmo a realização daquilo que para ele seria um milagre: transformar as favelas em bairros.

Eleito governador em 1960, Carlos Lacerda se transformaria de maneira definitiva no grande nome do seu partido: a UDN. Tomada no plano político partidário como a principal representação do flanco da direita, a UDN congregava, apesar disso, um amplo espectro que tinha, segundo Benevides (1981), diversos grupos que iam desde oligarquias destronadas com a revolução de 1930, ex-aliados de Getúlio Vargas, grupos liberais com forte identificação regional e até mesmo pessoas ligadas à esquerda. Embora a agremiação viesse empreendendo esforços no sentido de angariar apoio político no âmbito das favelas, é fato que seu campo de ação junto aos moradores desses locais ainda era limitado, o que traria desafios para o seu crescimento.

É preciso salientar que a UDN ainda era percebida como uma agremiação que abarcava, sobretudo, as camadas médias da socie-

dade. Neste caso, uma aproximação com os moradores de favelas poderia significar um salto no quesito popularidade, especialmente porque, pelo menos desde os anos 1940 – estando dentro ou fora de determinada legalidade –, o PCB vinha realizando um forte trabalho de base nesses espaços, contribuindo inclusive para a criação de instâncias representativas como as Associações Pró-Melhoramentos, o que também ocorria com as lideranças do trabalhismo. É inegável que as favelas sempre foram um ponto de preocupação para os setores mais conservadores, dado o seu potencial político; inclusive, é famosa a frase: “É preciso subir o morro antes que deles desçam os comunistas” (SAGMACS, 1960, p.43)

Colocadas como um dos pontos principais do tabuleiro político do período que vai do imediato pós-segunda guerra até a irrupção da ditadura civil-militar em 1964, as favelas contavam com uma importante organização, o que levou suas principais lideranças a acionar de maneira constante os órgãos do Estado a fim de fazer valer os seus direitos. Compreendendo a abertura, mesmo que com limites, do período democrático, os favelados souberam negociar pautas importantes que iam desde pequenos melhoramentos em seus locais de moradia, até políticas de permanência.

Como consequência desse cenário, ainda durante a campanha para o Governo do Estado, Carlos Lacerda percorreria uma série de favelas, fato que pode ser verificado na matéria veiculada pelo periódico Diário de Notícias⁹ no mês de maio de 1960. A reportagem mostra que a campanha percorreria as seguintes favelas: Vila do Vintém, Pavão, Chapéu Mangueira, Catacumba, Parque Proletário da Gávea, Praia do Pinto, Rocinha, Esqueleto, Inhaúma, Baixa do Sapateiro, Santa Marta, Saúde e Parada de Lucas. Também chama a atenção na reportagem a menção a um setorial da campanha denominado setor de favelas, que funcionava no comitê central de campanha sob a coordenação de um Senhor cujo nome era José de Almeida Neto, também conhecido como Zezinho da Praia do Pinto.



É justamente a Vila do Vintém a primeira favela eleita por Lacerda para iniciar a sua campanha, mais precisamente em 30 de maio de 1960¹⁰. A escolha, a nosso ver, não parece nada aleatória, uma vez que, na ocasião, eram cumpridos dois objetivos: disputar o voto dos favelados, entendendo-os como importantes agentes políticos¹¹, bem como os daqueles que residiam no antigo “sertão carioca”¹², atual zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, última região a passar por um processo de urbanização.

Figura 1: Carlos Lacerda inicia a sua campanha na Vila do Vintém. A estratégia visava conquistar o voto dos favelados, inclusive aqueles residentes no antigo “sertão carioca”.



Fonte: Jornal do Brasil, 31 de maio de 1960

Figura 2: O futuro Governador da Guanabara percorrendo os bairros do "sertão carioca" no início de campanha com visitas a Campo Grande, Guaratiba e a Vila do Vintém. Na foto, Lacerda confraterniza com os moradores



Fonte: Tribuna da Imprensa, 30 de maio de 1960.

A estratégia rendeu dividendos eleitorais ao candidato da UDN. O resultado do pleito, ainda que de maneira bastante apertada, apontou a vitória de Lacerda com 37,00% dos votos, seguido de perto por Sérgio Magalhães (PTB), com 34,59%. Tenório Cavalcanti (PST) computou 23,10% dos votos, enquanto o ex-prefeito Mendes de Moraes (PSD) amargou a última posição com 5,3% dos votos concorrendo pelo PSD¹³.

O panorama político da ocasião demonstrou que, em que pese a força política do candidato da direita, o trabalhismo representado por Sérgio Magalhães ainda era tendência política que contava com capital político nada desprezível. Leva-se em conta, inclusive, que os comunistas, impedidos de concorrer, acabavam por fortalecer lendas de esquerda que estavam na legalidade. Por fim o "tenorismo" também aparecia como elemento político importante, sobretudo quando tratamos das favelas¹⁴.



Eleito governador, uma das primeiras medidas de Lacerda foi utilizar o seu capital político para estabelecer uma série de reformas na malha urbana. A mudança da capital para Brasília trazia a necessidade de repensar as vocações da nova cidade-Estado, e o mandatário da Guanabara ensejava aproveitar do momento para se cacifar como nome que disputaria as eleições presidenciais.

Oakim (2023) assinala que, ao final do mandato, diversas realizações de vulto foram implementadas, como modificação no sistema de transportes, a abertura de túneis e viadutos, a construção da adutora do Guandu e a ampliação da rede de esgotos. Ao analisar as intervenções que marcaram o espaço urbano naquele período, a autora destaca a importância conferida à atual Zona Oeste carioca, o que se atrelava à posterior erradicação das favelas. Vale destacar:

(...) a remoção das favelas e a construção de conjuntos habitacionais nos subúrbios da Zona Oeste, foram, sem dúvida, as mais marcantes e polêmicas. Erradicar as favelas significava, também, a construção de habitações não somente para a população transferida, como também nas áreas que se tornariam vagas após a remoção, criando para o capital imobiliário e industrial uma oportunidade de investimento altamente lucrativa (Oakim, 2023, p. 5).

No entanto, pelo menos nos primeiros anos de gestão, a aposta junto às favelas parecia ir em outra direção: a erradicação desses espaços viria a partir de um amplo programa de urbanização, e a Vila do Vintém seria uma das favelas expoentes dessa ação. O regime de mutirão que congregaria moradores e Estado tinha como intenção transformar o local em um moderno bairro, deixando para trás o status de favela. A ideia de cooperação visava superar os conflitos na relação entre favelados e o poder público, presente nos anos anteriores. Com isso, pelo menos nos anos iniciais de mandato, pretendia-se também minar a influência que partidos de esquerda tinham junto a esses espaços, construindo uma nova hegemonia capitaneada pelos ideais de Carlos Lacerda¹⁵.

Desta forma, a partir dos elementos apresentados, o próximo item visa identificar os pressupostos do plano de urbanização das favelas a partir da experiência junto aos moradores da localidade.

Os pressupostos da urbanização: a favela como enclave rural no meio urbano, a tentativa de cooptação dos moradores e a ação da mídia empresarial

Uma das primeiras medidas do governo Carlos Lacerda foi nomear o sociólogo José Arthur Rios para coordenar os trabalhos da recém-criada Coordenação de Serviços Sociais, órgão que tinha como finalidade realizar uma série de melhoramentos nas favelas. A aposta, na ocasião, seria fortalecer uma espécie de regime de mutirão, no qual o Estado agiria como o ente financiador, e os favelados deveriam constituir a própria força de trabalho, visando às melhorias em seus locais de moradia. Neste caso é importante salientar que este primeiro momento, que teve a duração de dois anos, no âmbito da gestão Carlos Lacerda é fundamental para a compreensão do processo de urbanização da Vila do Vintém, uma vez que esta ocorre com as características do trabalho comandado por Arthur Rios¹⁶. Após a sua demissão em 1962, o governador passaria a adotar uma violenta política de remoções. Segundo Brum (2011,p.75), houve a partir daí um importante ponto de inflexão, pois “Se antes a linha era a de urbanização de favelas, com apenas algumas removidas (ou parte delas), a partir deste momento, a linha passou a ser a remoção de favelas, com raras sendo urbanizadas”.

Neste primeiro momento o governo do Estado aposta na reabilitação do SERFHA¹⁷. O órgão visava a uma aproximação com as Associações de Moradores, substituindo ações que eram capitaneadas, entre outros entes, pela Igreja Católica. Burgos (1999, p.31), assinalou que “(...) o SERFHA procurou, entre 1961 e 1962, a aproximação com as favelas, estimulando inclusive a formação de associações de moradores onde estas não existiam – até maio de 1962, criaram-se 75 associações”.





Sobre a Vila do Vintém, o jornal *Diário Carioca* – em pomposa manchete – anunciava que “Rios começará com a Vintém e Pinto a fazer das favelas uma lembrança do passado¹⁸”. A reportagem anunciava o plano do novo secretário para as favelas, que começaria por uma favela do “sertão carioca” e outra da Zona Sul. O trecho a seguir é ilustrativo:

A operação mutirão que transformará as favelas em vilas “deixando seu atual nome como lembrança do passado”, foi lançado ontem pelo Coordenador dos Serviços Sociais da Guanabara, Sr. José Arthur Rios com a assinatura de termos de compromisso entre o SERFHA e as Associações de Moradores das favelas Vila do Vintém e Praia do Pinto, as primeiras que serão beneficiadas pela operação.

“Os favelados entrarão com a mão de obra e, assim, trabalhando juntos, conseguiremos elevar o seu nível social, pois eles, mais do que ninguém, desejam sair desta situação”, declarava Arthur Rios ao *Diário Carioca* no lançamento da campanha. Subjaz também a ideia de uma atuação a partir da cooperação entre Estado e favelados, pois, segundo Arthur Rios, os envolvidos seriam: “Todos os órgãos do governo e as entidades particulares”.

Um ano após a assinatura do convênio, a Vila do Vintém se converteria em modelo do mutirão, algo que permitiu baratear os custos dessa mão-de-obra à partir de um discurso de solidariedade e da necessidade de embelezamento da favela da zona rural. A entrevista do representante da Fundação Leão XIII ao jornal *Diário de Notícias*, ao citar o local, traz elementos sobre a questão¹⁹:

O Sr. Romeu Loures falou, também, sobre a operação mutirão, cuja principal característica é evitar que a ação do governo seja tomada como sendo meramente paternalista. Daí contar com a ajuda dos favelados na realização das obras. O mutirão é um esforço coletivo para melhorar a favela com o apoio de todos. A Vila do Vintém, em Padre Miguel, está em fase de conclusão, uma obra que representou uma grande experiência. Com CR\$ 30 milhões em materiais, um engenheiro e um projeto, o Estado

obteve a colaboração de quase dois mil moradores cujo trabalho voluntário corresponde a CR\$ 13 milhões em mão de obra, inclusive instalação de serviços de água e esgoto.

É preciso compreender, no entanto, os elementos que embasavam as “melhorias” descritas pelo representante da fundação. Ao analisar as concepções de José Arthur Rios, Lopes (2018) afirma que, de acordo com os pressupostos defendidos pelo sociólogo, as favelas seriam compostas, em última instância, por “párias rurais” que acabavam por migrar para os centros urbanos, fruto da desintegração do latifúndio.

Rios entendia que os moradores seriam despreparados para viver no meio urbano, uma vez que carregavam consigo deficiências educacionais do meio rural. Porém, ao mesmo tempo, reconhecia haver uma forma de solidariedade que deveria ser valorizada em planos de recuperação e urbanização desses espaços.

Leeds e Leeds (1978) corroboram essa análise ao apontar a perspectiva adotada por Arthur Rios. Na análise dos autores, ao citar o sociólogo que estava à frente da operação, observa o emprego da palavra “mutirão”, que teria origem em uma espécie de Brasil rural, cujo significado remetia à solidariedade de vizinhança e ajuda mútua. Nesse sentido, e ainda de acordo com os autores, durante o ano de 1961, realizou-se uma série de encontros entre o poder público e os representantes de favelas para pensar os problemas legais que atingiam diferentes localidades.

É curioso notar que, ao falar sobre as favelas no início de 1961, Carlos Lacerda dava alguns indícios de que a sua compreensão sobre esses lugares era próxima àquela defendida por Arthur Rios: “Ele diz que considerava a favela um estágio de evolução da cidade, formada por gente do interior e que se instalou nas residências”²⁰, ou seja, como um enclave rural no meio de um conglomerado urbano, como uma espécie de etapa anterior à evolução que seria completa com a urbanização definitiva desses espaços.



Neste sentido, ao refletir sobre a ação do Estado junto às favelas naquele contexto, julgamos importante reproduzir a análise de Oliveira (2014, p. 166):

O eixo central que organizava os estudos, as obras de assistência, a engenharia, e a integração dos serviços públicos no atendimento às favelas era a percepção de que elas não constituíam um modo de vida urbano. Nesse sentido, colocava-se a necessidade de organizar ações que teriam como pano de fundo a adaptação do morador naquilo que imaginavam ser o seu *habitat* natural ou a transformação desse ambiente. Essa visão generalista do homem e seu “meio” trazia no seu bojo uma visão utópica sobre a sociedade e a forma como ela se organizava, vendo nas cidades a expressão de uma “desordem” que deveria ser “corrigida”.

A forte influência da sociologia rural nos anos 1960 já havia sido criticada por pensadores como Lefebvre (1971). De acordo com o autor francês, essa vertente conquista hegemonia nos Estados Unidos, algo que pode ser verificado nas ideias de Arthur Rios, e prima não apenas pelo empirismo, mas também pela ausência de referências à história. Além disso, essa forma de compreender a sociedade não investigava a fundo as relações entre campo e cidade, inclusive naquilo que tange aos aspectos que conformam a cultura das populações que habitam esses espaços.

Em todo caso, a urbanização das favelas também compreendia, a nosso ver, uma possibilidade de disputa por hegemonia junto as suas lideranças e ao conjunto de moradores. É sabido que comunistas e trabalhistas vinham construindo paulatinamente junto às favelas uma série de ações que iam desde a inauguração de sub-comitês, até o apoio com a formação de Associações Pró-Melhoramentos, essas ações acabavam por fortalecer partidos como o PCB, mesmo estando na ilegalidade após 1947, e o PTB, formando assim novos quadros políticos e arregimentando possíveis eleitores, quadro que se desenhava desde os anos 1940. É de amplo conhecimento, portanto, que

as favelas sempre se converteram em objeto de preocupação por parte das classes dominantes dado o seu expressivo potencial político, logo, dada a impossibilidade de sua extinção seria necessário atuar pelo flanco do convencimento.

As posições de Carlos Lacerda, uma das figuras centrais na consolidação do golpe que depôs o Presidente João Goulart, com respeito ao comunismo e à esquerda em geral, constituem-se como fator importante. Anticomunista ferrenho, Lacerda já havia demonstrado preocupação com a relação entre comunistas e favelados anos antes, mais precisamente em 1947, quando lançou no jornal *Correio da Manhã* uma série de artigos intitulados "A batalha do Rio de Janeiro", nos quais propunha ações que deveriam ser encampadas pela municipalidade com o intuito de "resolver" o problema das favelas. No entanto, a preocupação de fundo era, na verdade, com a expansão do ideário comunista no interior desses espaços, principalmente por meio das ações do PCB.

Nos anos 1960, com o aumento da tensão que opunha URSS e Estados Unidos, a América Latina, e mais precisamente o Brasil, passam a se constituir como elementos importantes de disputa. É possível perceber neste bojo uma escalada no discurso de Lacerda contra a "ameaça vermelha". Documentos consultados no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro demonstram que, já na condição de governador, ele teceu duras críticas aos comunistas e sua relação com as favelas. Ao comentar a remoção da favela do Pasmado, em 1964, os registros apontam a seguinte fala: "Lacerda fala sobre a remoção da favela do Pasmado e menciona que o Partido Comunista tentou evitar a remoção da favela, para não perder o seu curral eleitoral"²¹.

Segundo Gianotti e Gonçalves (2020, p. 644) a preocupação com a infiltração comunista nas favelas e bairros populares fazia parte de um contexto que envolvia a América Latina em geral, o triunfo da revolução cubana e o receio da expansão deste ideário para os demais países da região colocou as autoridades em estado de alerta, pois em geral:

“(...) en los años cuarenta, cincuenta y sesenta, las autoridades estaban seriamente preocupadas de la amenaza comunista, la cual se estaba infiltrando en los barrios populares, formando cinturones rojos alrededor de las metrópolis latinoamericanas. Esto no era nuevo, pero estaba asumiendo un nuevo significado en un contexto internacional marcado por el inicio de la guerra fría, cuyas claras delimitaciones ideológicas influenciaron también los actores que operaban en las “barriadas”, las “favelas”, las “poblaciones” y las “villas miseria”

A Vila do Vintém não passaria incólume a esse quadro. Conforme analisado por Santos e Gonçalves (2023), essa favela se converteria em um dos pólos de atuação do PCB, sobretudo nos anos 1940 e 1950, o que demonstrava a força desse partido junto aos trabalhadores favelados, à medida que sua atuação ocorria também em uma favela distante da região central da cidade.

A urbanização de favelas seria, então, utilizada como importante arma no sentido de desmobilizar possíveis organizações comunistas no interior desses espaços. Sob este aspecto, as associações de moradores teriam um papel de destaque no novo plano de urbanização, já que essas instituições seriam as responsáveis por realizar as mediações das necessidades dos moradores com o Estado, transformando-os em parceiros. Neste caso, as melhorias no âmbito das favelas deveriam ser discutidas e realizadas de maneira paulatina; todavia, o caráter reivindicatório e de confronto aberto de anos anteriores seria deixado de lado. Corria-se o risco, na verdade, de corroer estes espaços transformando-os a partir de uma lógica cartorial, praticamente incorporando-os a burocracia estatal.

Decorre deste quadro que novas associações foram criadas já com o enquadramento proposto pelo novo governo, havendo um aumento substancial do número de entidades desta natureza. Lima (1989, p.100) ressalta que “Deve-se observar que só poderiam contar com recursos públicos as favelas organizadas, o que provocou um efeito multiplicador sobre as organizações existentes”.

A urbanização de favelas como a Vila do Vintém estava atrelada a uma série de compromissos que as associações de moradores deveriam cumprir junto ao Estado. A ação cumpria, portanto, com um propósito de enquadramento dos favelados e de vigilância sobre suas ações. Julgamos necessário reproduzir nas linhas abaixo os principais itens da parceria entre o SERFHA e as associações no processo de urbanização.

1. Prestigiar a associação de moradores e nada fazer na favela ou Vila Operária sem prévio aviso e entendimento.
2. Cooperar na urbanização da favela recolhendo quaisquer contribuições dos residentes para a melhoria local, responsabilizando-se pela utilização de tais contribuições e submetendo-se à supervisão da coordenação.
3. Contribuir para a substituição progressiva dos barracos por construções mais adequadas e cooperar através da mobilização de trabalho para a realização de outros trabalhos de emergência na favela – OPERAÇÃO AUTOAJUDA – conforme os planos técnicos e a orientação desta coordenação.
4. Cuidar das contribuições e melhorias feitas na favela.
5. Solicitar a autorização da Coordenação para a melhoria das casas, com a especificação das necessidades de reparo e manutenção.
6. Impedir a construção de novos barracos, vindo, quando necessário, a esta coordenação apoio policial.
7. Cooperar com a coordenação para realocar os moradores removidos das favelas.
8. Encaminhar à coordenação as necessidades e reivindicações das favelas relativas a serviços públicos, manutenção, saneamento, polícia e higiene.
9. Na favela, manter a ordem, o respeito à lei e, de um modo geral, garantir o cumprimento das determinações da Coordenação e do Governo.

10. Dirigir todos os pedidos de assistência médica, hospitalar e educacional para a coordenação²².

Julgamos importante também abordar um ponto estabelecido por Pestana (2016), o autor ressalta a postura da Coordenação de Serviços Sociais que se colocava como uma espécie de “filtro” das questões trazidas pelos moradores, o que estabelecia a ideia de incapacidade dos favelados em negociar e reivindicar junto ao Estado, reforçando certa estigmatização. Ao refletir sobre a questão, o autor desenvolve a ideia de “controle negociado”, já que os moldes do plano de urbanização obedeceriam aqueles estabelecidos pela Fundação Leão XIII e pela Cruzada São Sebastião, limitando a participação dos favelados por meio de um rigoroso controle sobre suas deliberações.

Outro aspecto chama a atenção quando se aborda a urbanização da Vila do Vintém: a sua transformação em uma ex-favela. As manchetes dos periódicos insistiam nesse ponto: a urbanização da Vila do Vintém faria com que a favela se transformasse em um bairro moderno e operário, a exemplo do bairro vizinho de Realengo. A ação dos moradores em consonância com o poder público traria a todos o sonho de paz e de habitar em um local com melhores condições de vida.

A reportagem do periódico “O Jornal”²³ apresenta, com otimismo demasiadamente exagerado, as obras na Vila do Vintém. Intitulada “Favelados transformam a Vila do Vintém em um moderno bairro”, a matéria destaca o trabalho dos moradores e o seu empenho na chamada “operação mutirão”:

Com um ar alegre e cheio de confiança os unidos e otimistas favelados da Vila do Vintém dizem: não se admirem do nosso trabalho agora, deixem para fazê-lo depois, quando a nossa querida favela estiver transformada em um bairro pobre diferente, com água encanada, luz elétrica e ruas asfaltadas, além de árvores bonitas.

Importante lembrar que, sobretudo quando se trata de favelas, a mídia empresarial cumpre papel fundamental na construção de políti-

cas voltadas para a população que habita essas localidades, à medida que, via de regra, consegue produzir consensos sobre iniciativas das classes dominantes voltadas para os favelados, expressas nas ações do Estado. Ao desenvolver o clássico conceito de hegemonia, Gramsci (2011, p.95) já indicara que “ (...) caracteriza-se pela combinação da força e do consenso, que se equilibram de modo variado, sem que a força suplante em muito o consenso da maioria, expresso pelos órgãos de opinião pública – jornais e associações –, os quais, por isso, em certas situações são artificialmente multiplicados”.

Sobre esta questão, a partir da atuação da mídia empresarial, também é possível destacar que:

(...) as diferentes frações das classes dominantes e dominadas articulariam suas concepções de mundo e seus projetos societários, buscando algutinar alianças em torno de si, para tornar a sociedade política uma caixa de ressonância dos seus desígnios, espreado-os para o conjunto da sociedade de modo a gerar uma vontade coletiva coesa. (Pestana, 2022, p.266)

É curioso observar que a Vila do Vintém, a partir do exposto nos jornais da época, seria tomada como um exemplo a ser seguido de políticas para as favelas que haviam logrado êxito. A Tribuna da Imprensa²⁴ destaca, por exemplo, que a Vila do Vintém estava se tornando um bairro. A reportagem ressalta aspectos de arruamento, água e esgoto que contavam com intensa participação dos favelados. Segundo o periódico, “Para alargar as ruas do bairro, os moradores da Vila do Vintém fizeram o alinhamento de outras nove vias, recuando casas e os últimos barracos existentes”.

Apesar do esforço hercúleo dos jornais e da tentativa inicial de Carlos Lacerda de emplacar o seu plano como espécie de vitrine de sua administração, é fato que esta se tornou muito mais conhecida pela remoção dos favelados de maneira absolutamente violenta e arbitrária e por favorecer processos de especulação imobiliária na Zona Sul da cidade. Não apenas o plano inicial de urbanização promovido em fa-



velas como a Vila do Vintém não atingiu a magnitude prevista, como as próprias ambições do governador da Guanabara com relação à eleição para a presidência da república também foram frustradas com o golpe de Estado que ele próprio ajudara a conflagrar.

Dois anos depois do plano de urbanização da Vila do Vintém, é possível perceber que não apenas a ação havia sido superdimensionada, como também beirava o devaneio. Questões como saneamento básico, alagamentos constantes e instalação de luz elétrica permaneceriam como pontos centrais quando o assunto era a favela do antigo “sertão carioca”. As reportagens dos jornais, em que pese a insistência no desejo de transformar uma favela em “bairro moderno”, acabavam por apresentar os problemas que teimavam em não ser superados.

O jornal O Globo apresentaria, em 1965, uma reportagem com o seguinte título: “A Vila do Vintém sem crimes, quer melhorias e um novo nome”. Não deixa de ser notável o esforço que o periódico faz para apresentar uma nova paisagem após o término da Operação Mutirão. Entre o desejo e a realidade, restava a favela mudar de denominação.

A Vila do Vintém, cujos moradores estão tranquilos quanto à segurança de suas famílias, pois o crime ali não mais existe, reclama, agora, do poder executivo providências que julga necessárias à total normalização de sua vida: construção de uma escola, melhoria da rede de esgoto e extinção do verdadeiro pântano que se formou, com a água das chuvas na parte mais antiga. No programa da Vila do Vintém está incluída, como medida a ser adotada prioritariamente, a mudança de seu nome, para acabar com a má fama que indesejáveis e marginais espalharam sobre o local. A Associação Pró-Melhoramentos da Vila do Vintém já prepara o seu plano de ação, o qual através da sua nova diretoria da entidade, será divulgado no sábado, na Escola de Samba Unidos de Padre Miguel por ocasião da feijoada que será oferecida ao governador do Estado ao secretário de Serviços Sociais e à imprensa.

A campanha do O Globo mostrara-se malsucedida, a Vila do Vintém continua a ser uma favela, e seu nome permanece o mesmo até

os dias atuais. O plano de urbanização pensado para esta localidade, e que sequer começou a ser colocado em prática na Praia do Pinto vide a remoção de seus moradores, havia sido superdimensionado, sendo incapaz de cumprir com as metas às quais se propunha.

De certa forma, as associações de moradores, mesmo com as dificuldades encontradas durante o período de ditadura civil-militar, foram, aos poucos, recuperando a sua independência. A ideia de urbanização como elemento propulsor da mudança de padrões rurais para aqueles assentados em uma espécie de modo de vida urbano também mostrou-se absolutamente equivocada, visto que os favelados já apresentavam, mesmo antes da urbanização da Vila do Vintém, importantes padrões de organização, expressos, por exemplo, a partir de uma série de práticas associativas.

O fato de a Vila do Vintém figurar naquele contexto como uma das mais importantes favelas da Guanabara apenas demonstra que a ação política de seus moradores estava em consonância com a de demais favelados e que, muito longe de ser um “enclave rural”, a “Vintém” era protagonista no processo de transformação das favelas, entendendo-as como espaços fundamentais para o funcionamento do espaço urbano.

Consideração finais

A Vila do Vintém permanece uma favela até hoje; a tentativa da operação-mutirão de modificar o seu status se mostrara fracassada. Conforme já demonstrado, a Vila do Vintém não era, como pensavam os proponentes da ação, um enclave rural no meio urbano, mas sim parte integrante da cidade, tanto que se tornou pioneira no plano de urbanização do novo governo.

A urbanização proposta no início dos anos 1960 contava com a força de trabalho dos moradores, todavia os tratava como inaptos para o debate político. Assim sendo, as premissas fundamentais dessa ação acabavam por ser construídas de maneira equivocada, sem



a participação dos favelados, maiores interessados nas mudanças pelas quais a Vila do Vintém deveria passar.

No caso específico da favela aqui pesquisada, a partir do plano de urbanização exposto, parece-nos evidente que todo o processo de remodelamento da Vila do Vintém também trazia consigo uma possibilidade de combate a influência comunista, algo que vinha se fortalecendo desde os anos 1940. O contexto de guerra fria e de recrudescimento da luta de classes tinha nas favelas uma de suas principais trincheiras, à medida que havia uma tentativa de angariar apoio popular por meio das ações do Estado e da cooptação de lideranças por intermédio das associações pró-melhoramentos.

Vale ressaltar que o desejo do Governador e de seu Secretário de resolver todos os problemas da Vila do Vintém por meio de sua urbanização encontrava eco também na mídia empresarial, que, ao anunciar o processo de mudanças na Vila do Vintém, acabava por confundir realidade com ficção, superdimensionando as ações junto a favela e projetando um futuro que nunca existiu de fato. Ficava claro que seriam os próprios moradores, por meio de sua luta política, aqueles que seriam responsáveis pelas melhorias na Vila do Vintém.

Concordamos com a reflexão de Gonçalves (2024), que aponta para uma necessidade que permanece até os dias de hoje quando se trata da urbanização de favelas: a de construção de políticas que de fato dialoguem com a história e a tipologia destes espaços. O autor salienta que, sociologicamente, as favelas já se constituem como bairros, uma vez que grupos heterogêneos não apenas compartilham o cotidiano, como também acabam por construir laços de sociabilidade pela proximidade de suas moradias. Trata-se, portanto, nesse tipo de ação, de estabelecer um diálogo com as potencialidades presentes nesses locais, construindo mecanismos para enfrentar os desafios que deles advém.

Reconstruir a história de locais como a Vila do Vintém é, a nosso ver, aspecto fundamental para o estabelecimento deste diálogo, uma vez que o conhecimento produzido sobre esses lugares pode auxiliar

sobremaneira no desenvolvimento das ações que visem o seu remodelamento. Ouvir o que os moradores tem a dizer e compreender de que maneira os saberes populares podem influenciar na construção de políticas públicas continua a ser tarefa urgente, sobretudo quando se trata da urbanização das favelas.

Referências

AMOROSO, M; GONÇALVES, R. S. O advogado e os “trabalhadores favelados”: Antoine Magarinos Torres e a prática política nas favelas cariocas dos anos 1950 e 1960. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 29, n. 59, 2016.

BENEVIDES, M. V. **A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BRUM, M. S. **Cidade-Alta: história, memória e o estigma da favela num conjunto habitacional do Rio de Janeiro**. 2011. 361.f. tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

BURGOS, M. B. B. Dos parques proletários ao favela-bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro. In: **Um século de favela**. ALVITO, M.; ZALUAR, A. (org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

GONÇALVES, R. Favelas: espaços de fronteira. In: **Direito à cidade no Rio de Janeiro**. BALBI, D.; RODRIGUES, T. (Orgs.) Petrópolis: Bem Cultural, 2024.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere. v. 3: Maquiavel, notas sobre o Estado e a Política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GIANNOTTI, E.; GONÇALVES, R. S. “La guerra fría en las favelas y las poblaciones, 1945-1964. Una disputa entre comunistas y Iglesia Católica”. In: **Izquierdas**, 49, 2020.

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Ediciones Península, 1971.

LIMA, N. V. T. **O movimento dos favelados do Rio de Janeiro: políticas de Estado e lutas sociais (1954-1973)**. Rio de Janeiro. 1989. Dissertação. (Mestrado em Ciência Política). IUPERJ, 1989.

LOPES, T. C. **Comunitarismo, sociologia rural e diplomacia cultural nas relações Brasil-EUA: ciência e reforma social em T.Lynn Smith e José Arthur Rios (1930-1950)**. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.





OAKIM, J. O plano doxiadis e a capitalidade da Guanabara. In: **Revista Acervo: Espaços urbanos e metropolização no Brasil (1940-1970)**. Rio de Janeiro, vol. 36, n.1, 2023.

OLIVEIRA, S. S. R. **“Trabalhadores favelados”: identificação das favelas e movimentos sociais no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte**. 2014. Tese (Doutorado em História Política e Bens Culturais) – Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais, FGV, Rio de Janeiro, 2014.

PESTANA, M. M. **A união dos trabalhadores favelados: a luta contra o controle negociado das favelas cariocas (1954-1964)**. Rio de Janeiro: EDuff, 2016.

PESTANA, M. M. O que o marxismo tem a dizer sobre as favelas cariocas? Indicações para uma agenda de pesquisas baseadas no materialismo histórico. In: **Pensando as favelas cariocas: memórias e outras abordagens teóricas**. AMOROSO, M.; BRUM, M.; GONÇALVES, R. (orgs). Rio de Janeiro: Ed-PUC-Rio, Pallas, 2022.

SAGMACS (1960). Aspectos Humanos da Favela Carioca. **O Estado de S. Paulo**. 13 e 15 de abril de 1960. São Paulo.

SANTOS, H.M; GONÇALVES, R.S. Favelas e metropolização do Rio de Janeiro: o caso da favela Vila do Vintém, no bairro de Realengo, no segundo pós-guerra. In: **Revista Acervo: Espaços urbanos e metropolização no Brasil (1940-1970)**. Rio de Janeiro, vol 36, n.1, 2023.

SILVA, C. A. S. **A virtude dos sacrifícios versus a ciência das transações: Tenório Cavalcanti e o campo político do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais, 2012.

Notas

- 1 Graduado em Serviço Social pela UCB. Mestre e Doutor em Serviço Social pela PUC-Rio, atualmente é aluno do Pós-Doutorado em Serviço Social desta mesma instituição. É pesquisador vinculado ao LEUS-PUC-Rio. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1452-342X>. E-mail: henriquedj@hotmail.com.
- 2 Tribuna Popular, 4 de fevereiro de 1947, p.7
- 3 Atual bairro de Padre Miguel
- 4 Ver Santos e Gonçalves (2023)

- 5 Sobre a União dos Trabalhadores Favelados e as ações do Advogado Antoine Mar-
garinos Torres, ver as reflexões de Pestana (2016) e Amoroso e Gonçalves (2016)
- 6 *Idem*
- 7 Foram analisados os seguintes periódicos: Diário carioca; Diário de notícias; Jor-
nal do Brasil; Tribuna da imprensa; O Jornal e O Globo. Também foram analisados
os discursos de Carlos Lacerda registrados no Arquivo da Cidade do Rio de Janei-
ro. O critério de seleção obedeceu ao recorte temporal da gestão Lacerda (1960-
1965), bem como os registros sobre a urbanização da Vila do Vintém, objeto da
reflexão aqui proposta.
- 8 Fonte: Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro. Exposição de Carlos Lacerda aos fa-
velados em 01/06/1962. Evento gravado em fita-rolô e digitalizado sob o número
BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.013.
- 9 Diário de Notícias, 1 de maio de 1960, p. 12.
- 10 Segundo reportagens do Jornal do Brasil e Tribuna da Imprensa.
- 11 Anos mais tarde, mais precisamente em 1964, Carlos Lacerda admitira que a UDN
precisava manter a proximidade com a população e que o primeiro passo para
vencer uma eleição seria conquistar o voto das favelas. Fonte: Arquivo da Cidade
do Rio de Janeiro. Discurso de Carlos Lacerda proferido em 28/01/1964. Evento
gravado sob fita de rolo BR RJ AGCRJ.CL.FAM. 1.166
- 12 Antiga Zona rural do antigo Distrito Federal e da Guanabara entre 1960 e 1970.
Ganha esse nome a partir de uma série de artigos escritos por Magalhães Côrrea
para o correio da manhã, entre 1931 e 1932, nos quais o naturalista desenvolve
uma série de estudos sobre o local. Atualmente a região abrange bairros como
Deodoro, Bangu, Realengo, Campo Grande e Santa Cruz.
- 13 Segundo o Tribunal Superior Eleitoral. Resultados – Tribunal Superior Eleitoral
(tse.jus.br)
- 14 Silva (2012) afirma que a política Tenorista se firma basicamente em espaços de
fronteira, Duque de Caxias, a baixada fluminense e as favelas como um todo.
Quando Tenório Cavalcanti se firmou no debate nacional, tentou levar as repre-
sentações simbólicas desses espaços para o debate político.
- 15 O trabalho de Perez (2007, p.196) demonstra por exemplo que "O urbanismo do
governo Lacerda é o projeto de afirmação da Belacap no cenário nacional. É tam-
bém uma aposta de que o Rio de Janeiro continuava a ser a capital de fato".



- 16 O trabalho de Lopes (2018), nos apresenta elementos que auxiliam a compreender a trajetória de José Arthur Rios, bem como suas ideias. Após retorno da Louisiana State University, em fins dos anos 1940, Rios passa a defender, com ênfase, a chamada Sociologia Rural, enfrentando, no entanto, uma série de dificuldades para inserir-se no meio acadêmico. Importante salientar que, ainda de acordo com o autor, José Arthur Rios, antes de se converter em secretário do governo Lacerda, acaba por encontrar inserção nas escolas de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e no Departamento do Serviço Social da Indústria (SESI), em Juiz de Fora. Vale sempre lembrar que, ao assumir o cargo na gestão Carlos Lacerda, Arthur Rios já contava com importante experiência ao lidar com a temática das favelas. Vide sua participação no trabalho desenvolvido pela SAGMACS.
- 17 Serviço Especial de Reabilitação das Favelas e Habitações Anti-Higiênicas. Segundo Burgos (1999), o SERFHA foi criado durante o mandato de Negrão de Lima na Prefeitura do antigo Distrito Federal, entre os anos de 1956 e 1957, nomeado pelo então Presidente Juscelino Kubitschek.
- 18 Edição de 24 de junho de 1961, p.5
- 19 Diário de Notícias, 7 de dezembro de 1962, p.8
- 20 Fonte: Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro. Discurso de Carlos Lacerda aos favelados no Palácio Guanabara, proferido em 01/06/1962. Evento gravado sob fita de rolo BR RJ AGCRJ.CL.FAM.1013.
- 21 Fonte: Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro. Palestra feita por Carlos Lacerda no Rotary Clube em Osasco-SP em 1964. Evento gravado em fita de rolo e digitalizado sob o sob o número BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.041
- 22 A Tribuna da Imprensa, 24-25 de junho de 1961, p. 6
- 23 Edição de 04 de agosto de 1962, p.10
- 24 Tribuna da Imprensa, 11 de março de 1963, p.5